



ESCOLA SEM MUROS, UMA EDUCAÇÃO INOVADORA SUSTENTADA PELA CULTURA DA PAZ

Valquiria Madureira Viscaino

Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SME)

Resumo: A educação inovadora traz reflexão a respeito da educação tradicional. As abordagens pedagógicas foram transformadas, porém as ações metodológicas mantêm os mesmos princípios: professor transmissor e alunos recebedores de informações. Ao assumir a direção da Emef (Escola Municipal de Ensino Fundamental) Presidente Campos Salles, localizada no bairro de Heliópolis, na cidade de São Paulo, numa região de vulnerabilidade social (tráfico de drogas e diversos tipos de violência), em 1995, Braz Rodrigues Nogueira enfrentou várias situações desafiadoras. Um acidente fatal ocorrido em 1999, com uma estudante, introduziu a cultura pela paz integrando escola e comunidade e criou a Caminhada pela Paz. Abrindo as portas da escola para a comunidade, o diretor Braz fez concretizar suas duas ideias: “tudo passa pela educação” e “a escola realiza bem o seu papel quando toda a comunidade for educadora”. Com a convicção de que a escola não pode ter barreiras com a comunidade, a derrubada dos muros que cercavam a escola foi a primeira barreira superada. A seguir, quebraram as paredes que dividiam as salas de aula criando grandes salões. No entanto, a mudança arquitetônica não foi garantia de inovação. Este procedimento foi o ponto de partida para colocar os professores no trabalho coletivo e os estudantes em grupos aprendendo uns com os outros. Isso gerou a ruptura da verticalização das relações. Vários são os dispositivos pedagógicos introduzidos a fim de transformar as crianças em parceiros ativos da sua própria aprendizagem e capacitá-las para assumir responsabilidades sendo colaborativas. Estes dispositivos estão descritos nesta pesquisa.

Palavras chaves: Sustentabilidade, Cultura da Paz, Escola Aberta.

Introdução

“Aula não ensina, prova não avalia” (Jose Pacheco, 2015)

Esta pesquisa tem o objetivo de apresentar a transformação de uma escola na inovação educacional com a implementação de diversos dispositivos pedagógicos. Foi iniciada em 2015, com entrevista realizada com o diretor da Emef (Escola Municipal de Ensino Fundamental) Presidente Campos Salles, Braz Rodrigues Nogueira que atuava como diretor regional de ensino da Diretoria Regional do Ipiranga, São Paulo. Ele protagonizou toda a inovação educativa. A observação em lócus com registros do processo histórico, de construção social e arquitetônica, (quebra de muros e paredes da escola) está publicada nos Anais do Congresso Internacional PanPbl 2016 em São Paulo - Brasil.

Inserida numa região de vulnerabilidade social, a escola refletia o caos da comunidade. Por volta de 2004, os educadores trouxeram a proposta de adoção de um modelo de ensino inspirado na Escola da Ponte de Portugal, colocando as relações: ensino/aprendizagem, professor/aluno, comunidade/escola, professor/professor, aluno/aluno no centro do processo desta mudança. A sustentação da Escola Presidente Campos Salles tem os princípios da democracia, da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade, a escola é centro de liderança e que tudo passa pela educação (Emef Pres. Campos Salles, 2013, § 9).

Com esta complexidade, reduzir a função da escola e do professor em dar aulas e aplicar provas não prioriza a questão social, tão pouco as relações entre os pares e também não é garantia de conhecimento.

Assim sendo, o processo de inovação da escola sem muros, criando a cultura da paz a partir da integração escola e comunidade também foi a introdução de diversos dispositivos pedagógicos como caminhos para a comunidade educadora.

Os Dispositivos Pedagógicos da Emef Presidente Campos Salles para a Inovação Educacional Criando a Cultura da Paz:

A criação da Caminhada pela Paz trouxe para a região o sentimento de indignação, Vickery (2016, p. 51) esperança e uma nova visão de consciência coletiva. Segundo Moran (2007 pp 39-72), a base para a inovação é o conhecimento integrador e inovador, desenvolver a autoestima e o autoconhecimento, a formação para o empreendedorismo e a construção da cidadania. Morin, (2002, p.85) diz que precisamos enfrentar as incertezas como um dos saberes para a educação do futuro, que “a realidade não é facilmente legível”, que “as ideias e teorias não refletem mas traduzem a realidade” e essa tradução pode ser errônea. Neste sentido, a equipe empenhada na inovação educacional, embora rodeada de incertezas, também precisava de sustentabilidade para manter o processo de mudança e inovação, percebeu-se que a participação dos estudantes é fundamental em todos os dispositivos implementados pela escola Presidente Campos Salles. Então, no início do ano letivo, são realizadas as assembleias.

As Assembleias de Estudantes

As assembleias são reuniões de estudantes e educadores. Acontecem em cada salão, que possui, em média, um total de 75 estudantes e três educadores. Os salões são distribuídos por estudantes de cada ano letivo: 1º ao 8º ano e EJA (Educação de Jovens e Adultos). A escola possui quatro turmas no período diurno, os salões do 5º, 6º, 7º e 8º anos. No período da

tarde, turmas do 1º, 2º, 3º e 4º anos. No período noturno, os estudantes adolescentes e adultos da EJA. É na assembleia que o estudante escolhe o que quer estudar e sobre o que quer aprender. Uma data para a Assembleia é marcada e os estudantes apresentam suas propostas, que serão votadas e temas serão definidos de maneira democrática, para depois os educadores elaborarem os roteiros de estudos. O primeiro roteiro desenvolvido pelos estudantes é o que apresenta os princípios da escola: Autonomia, Responsabilidade e Solidariedade, “Tudo passa pela Educação” e a “Escola como Centro de Liderança” na comunidade que atua (Nogueira e Mazon, 2005 pp 13 -14)

Enquanto os estudantes desenvolvem e discutem em grupos, executando as atividades propostas neste roteiro, autonomamente, são convidados a pensar e propor ideias para os próximos roteiros.

Roteiros de Estudos

Os professores procuram abordar de forma interdisciplinar os assuntos e temas propostos, votados e elencados pelos estudantes, contemplando o currículo de cada ano, atendendo os projetos da Secretaria Municipal de Educação (SME) (Dot, [Diretoria de Orientação Técnico-Pedagógica Ensino Fundamental e Médio] - 2015) definidos pelo Ministério da Educação e pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, (PCN, 1997) considerando os conteúdos, expectativas e objetivos pedagógicos de cada ciclo de estudos. Com os roteiros prontos, os alunos dispostos em grupos de quatro estudantes, iniciam os estudos e a aprendizagem autonomamente.

Ruben Alves (2001, p. 5) diz que na Escola da Ponte “as crianças que sabem ensinam as crianças que não sabem. A aprendizagem e o ensino são empreendimentos comunitários, uma expressão de solidariedade”. Para a equipe de educadores da escola Campos Salles, o primeiro professor do aluno é ele mesmo,

“...estando em grupo, havendo dúvida que um deles não possa esclarecer, o professor é chamado para orientar a melhor forma de resolver a dúvida. Então, um dos três professores que permanece para atender aquele salão se dirige ao grupo. E não importa de que especialidade é aquele professor, ele conduz o aluno a buscar outras estratégias de resolução de seu desafio. Aí os professores questionavam, como é que eu vou tirar a dúvida de Matemática se eu sou de História?” (Nogueira, 2015 em Viscaino, PanPbl - 2016).

No salão, todos aprendem com todos. Para Pacheco (2012) projetos humanos são atos coletivos, o professor precisa desenvolver a “escutatória” e, propiciar a curiosidade nata das crianças.

Com a finalização do roteiro o educador avalia através de conversa, observando os objetivos atingidos para que os estudantes iniciem um novo roteiro.

Onde há pessoas, há conflitos. Heráclito de Éfeso (séc. VI a V a.C.) traz a “harmonia dos contrários: Aquilo que é oposto se concilia, das coisas diferentes nasce a mais bela harmonia e tudo se gera por meio de contrastes” (Reale e Antiseri, 2007/1997 p.23)- os conflitos. Outro dispositivo pedagógico da escola é a Comissão de Estudantes.

Comissão Mediadora de Estudantes

Também no início do ano letivo, cada salão elege dez estudantes para compor as comissões. Estes estudantes representam todos os estudantes do salão. Aqueles que desejam participar das comissões apresentam suas propostas. Eles sabem que uma das tarefas principais é a mediação de conflitos e a de ajudar na gestão dos salões. Gerir o salão é apresentar propostas de orientação de estudos. A autonomia e a solidariedade aparecem na atividade colaborativa e nas discussões sobre os estudos. Pacheco (2015) afirma que “aula não ensina e prova não avalia”, a superação deste paradigma levou-o a confirmação de que, embora preparasse excelentes aulas, alguns alunos não aprendiam. Os alunos têm curiosidades e eles aprendem aquilo que for contextualizado e significativo, PCN (1997 p.44). Para Vickery (2016), capacitar as crianças para assumir responsabilidades, oferecendo autonomia, torna-as parceiras na própria aprendizagem.

A comissão tem autonomia para convocar estudantes, professores e funcionários a fim de mediar qualquer relação conflituosa. Eles também participam das reuniões de Conselho de Classe (ocorrem ao final de cada bimestre e são discutidos os processos de avanço da aprendizagem de todos os estudantes do salão), onde são apontados aspectos positivos de crescimento no processo de aprendizagem e também de relacionamentos. Ajudam na atribuição de conceitos (Plenamente Satisfatório, PS; Satisfatório S; Não Satisfatório NS) para os alunos do 1º ao 3º anos e a partir do 4º ano, a Secretaria Municipal da Educação instaurou a atribuição de notas de 0 a 10, a média para promoção para a próxima etapa dos estudos é 5 (Decreto 54.452/2013 art.4 §5 - SME).

Dar voz aos alunos através da comissão é um processo de construção de significados. O estudante jamais será exposto a julgamentos de valores morais. O objetivo é a reflexão, autoanálise, autoconhecimento e a proposta de mudança se esta se fizer necessária, se houver significado para que ela ocorra.

As mudanças ocorridas na região de Heliópolis foram imprevisíveis, Nogueira (comunicação pessoal em 29/09/2017 - VII Seminário da Educação - Heliópolis Bairro

Educador) diz que “trabalhar em equipe é o ponto forte desta transformação mas que também pode ser o ponto fraco”. Foi a partir da criação da comissão mediadora de estudantes que surgiu outro dispositivo pedagógico, a república de estudantes.

República de Estudantes

Na República dos Estudantes, são componentes: um prefeito e dez vereadores. Eles são eleitos por toda a comunidade escolar também no início do ano letivo. Cada participante aos cargos (prefeito e vereador) faz seu projeto de trabalho, apresenta para os salões e aguarda as votações. Nas reuniões da República, os estudantes discutem temas para a melhoria da escola em todos os aspectos: organizações dos salões, formas de resolução de conflitos, acessibilidade aos materiais, às benfeitorias da escola e uso dos equipamentos do CEU (Centro Educacional Unificado) Heliópolis Arlete Persoli

O CEU Heliópolis Arlete Persoli surgiu com o processo de inovação da Emef presidente Campos Salles e na busca dos direitos da pessoa, foi inaugurado em 29/04/2015, pertencente a Diretoria Regional de Educação – Ipiranga - SP. Os equipamentos, como são chamados são: Centros de Educação Infantil, CEU EMEI Antônio Francisco Lisboa, CEU EMEF Presidente Campos Salles e ETEC (Escola Técnica Estadual) Heliópolis. A infraestrutura é composta por Ginásio Poliesportivo, Espaço Multiuso, Biblioteca, Piscinas (adulto e infantil) e pela Torre da Cidadania, prédio de cinco andares onde acontecem diversas atividades: dança, artes plásticas, culinária, artes marciais, cursos de capacitação profissional, laboratório com impressora 3D, etc. (CEU Heliópolis, 2016). Onde existia apenas uma escola que atendia alunos com estigma de “baderneiros”, (Emef Pres. Campos Salles, 2008 § 12), todos podem usufruir de todos os equipamentos através da requisição e da conquista de toda a comunidade de Heliópolis.

O currículo da secretaria municipal de São Paulo prevê que todos os estudantes desde o 1º ano do Ensino Fundamental I: período de aquisição da língua escrita e falada convencionalmente e da habilidade em cálculos, (Lei 93934/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação [LDB] artigo 32, inciso I), tenham diversidades e ampliação no seu desenvolvimento, através das aulas de especialistas das áreas de Educação Física, Arte, Inglês, Leitura e Informática. Estes momentos de estudos propiciam a ampliação curricular e avanço nas diferentes áreas do conhecimento.

Momentos com Especialistas

O movimento dos estudantes na apropriação das diferentes áreas do conhecimento: Português, Matemática, Ciências da Natureza e Sociedade, História, Geografia, Ciências, Educação Física, Arte, Inglês, Leitura e Informática são importantes para a ampliação da aprendizagem (Portaria 6771/13- SME).

São momentos em que os estudantes saem dos salões, dirigem-se para locais diferentes do CEU, usufruindo dos equipamentos. José Pacheco (2016) afirma que na educação “a deficiência não está na aprendizagem e sim na “ensinagem”. Atuar de forma diferente, em diferentes espaços, utilizando de recursos que propiciem outros movimentos, permite sair dos condicionamentos do século XVIII, do modelo tradicional.

Na escola Campos Salles, nas atividades com especialistas, os estudantes formam pequenos grupos de 25 estudantes. São espaços que favorecem um contato mais próximo dos educadores e dos estudantes e sessões diferenciadas de aprendizagem. Para as atividades de Português, Matemática e Ciência da Natureza, História e Geografia, são chamadas de oficinas pedagógicas. Para o ciclo que compõe 1º, 2º e 3º anos, o foco é a alfabetização, para o 4º, 5º e 6º anos é a interdisciplinaridade e para o 7º, 8º e 9º anos, a autoria passa a ser o centro de interesse nas oficinas. Estes ciclos: alfabetização, interdisciplinaridade e autoria são normativas da Secretaria Municipal da Educação (SME, 2016).

Oficinas Pedagógicas

As oficinas pedagógicas ocorrem em momentos diferentes para cada grupo de 25 estudantes. Nas salas individuais, espaços menores, como uma sala de aula convencional, os educadores realizam jogos, exercícios, atividades com foco em desenvolver conceitos, habilidades e competências. Atualmente, os educadores estão aplicando o ensino híbrido e fazendo adequações, conforme a necessidade e as condições viáveis. Alguns recursos são utilizados a fim de tornar o ensino personalizado. “A personalização parte do princípio de que pessoas aprendem de formas diferentes e em ritmos diferentes, com base nos seus conhecimentos prévios, habilidades, interesses e emoções”, (Porvir, 2013, § 1). São criadas estações de aprendizagem, cada estação visa maximizar a aprendizagem. O conhecimento acontece quando algo faz sentido, é experimentado, quando pode ser aplicado de alguma forma, em algum momento, Moran (2007 pp 39-72). As estações podem abranger diferentes tarefas com diferentes desafios: produção de texto, revisão de escrita, solução de enigmas, resolução de situações problemas, pesquisas utilizando dicionário, enciclopédias, internet, livros didáticos, etc., construções artísticas, leituras de diferentes portadores textuais (poemas, histórias em quadrinhos, contos, artigos, etc.). Cada estação é uma tarefa, são selecionados

pelo menos cinco tarefas em cada oficina pedagógica. Cada uma pode ser realizada em espaços de tempo que são definidos no grupo e também a formação das equipes para realização das tarefas, decorrido o tempo, os grupos mudam de atividade, rodiziando e percorrendo todas as atividades (estações) daquela oficina. O percurso das equipes depende também de planejamento, para que haja momento de alívio de tensão, se os estudantes saem de uma produção textual, a próxima estação não é recomendado ser resolução de problemas. É preciso permitir quebras que poderiam desestimular as tarefas, “não basta utilizar as tecnologias sem antes pensar em sua utilidade” (Schneider, 2015 p. 71). Assim como não é aconselhável duas tarefas de desenvolvimento sinestésico seguidas. Conforme o que aponta Moran (2015 p. 42), “O professor precisa ser competente do pontos de vista intelectual, afetivo e gerencial (gestor de aprendizagens múltiplas e complexas)”. As estações são momentos de colaboração e sabemos que as relações entre os membros das equipes precisam ser construídas e isso é um processo. Os estudantes também oferecem propostas de estações. Todas as atividades são discussões e construções coletivas e podem ocorrer em diferentes espaços do CEU. O educador é quem organiza estes saberes através do planejamento ou elaboração de projetos que atendam ao interesse do estudante. Moran (2015 pp. 33-35) diz que a introdução das tecnologias com objetivos e benefícios de seu uso bem definidos, possibilita a personalização no sentido de sugerir atividades adequadas ao desenvolvimento do estudante, de seu conhecimento e de suas habilidades.

As Rodas

São chamadas de rodas os momentos em que os estudantes se agrupam, fora de suas carteiras, em círculos, participam como ouvintes de leituras feita pelo educador (contos, notícias de jornais, artigos de revistas, poemas, poesias, etc.). Estas leituras podem ser de apreciação, de propósitos para diferentes discussões (filosóficas, políticas, sociais, participação cidadã, saúde, etc.) As rodas também favorecem a escuta dos educadores. Os estudantes falam de seus sentimentos, expõem os pensamentos e os conhecimentos sobre os assuntos tratados. Nas rodas tratam também de combinados e regras de convivência e relacionamentos, resgatam os princípios da escola: autonomia, responsabilidade e solidariedade, a liderança da comunidade e tudo passa pela educação na construção da cidadania e aquisição dos direitos da pessoa. Neste movimento, o estudante aprende a ouvir e expressar o que sabe na organização dos momentos de fala e de escuta. Conforme o que estabelece a LDB 9394/96, artigo 35 da sessão IV sobre as finalidades da educação: para o aprimoramento do educando como pessoa, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da

autonomia intelectual e do pensamento crítico, entre outras finalidades, as rodas possibilitam aos estudantes uma postura crítica reflexiva.

Meditação

A meditação, conforme Sara Lazar (2016), “é uma forma de exercício mental, ajuda a administrar melhor o estresse e promove longevidade, a meditação se propõe a partilhar um destes benefícios”. Foi introduzida a partir deste ano quando assumi aulas nesta escola. Não é realizada em todos os salões. A meditação “acalma”, “eu também faço meditação em casa”, “ajuda a se concentrar...” são comentários dos estudantes. Na escola Presidente Campos Salles o professor também é autônomo em suas práticas desde que a atividade tenha contexto e seja significativa para o estudante.

Conclusão

Escola sem muros, uma educação inovadora sustentada pela cultura da paz é um recorte da transformação educacional que está em processo de construção. Nesta construção, participam diversos autores da Escola Municipal Presidente Campos Salles. Professores, gestão, comunidade e funcionários aprendem e desaprendem, constroem e desconstroem paradigmas. Rompem as barreiras internas de conceitos predeterminados e, na revisão e reflexão de suas ações, surgem novos conceitos, novos sentimentos e novas metodologias porque há uma visão de unidade na multiplicidade, (Morin, 2002 p.55). Braz Rodrigues Nogueira traz este movimento da escola quando diz que:

“As paredes que queremos tirar são outras, que estão nas nossas cabeças, invisíveis e que são muito mais difíceis de quebrar. Que paredes queremos quebrar? As que separam o professor do aluno, o homem da mulher, as classes sociais, o gay do heterossexual, todas as paredes”. Nogueira, (2013)

José Pacheco (2016) acrescenta que “escola não são prédios e paredes, escola são pessoas”, são saberes compartilhados, é espaço que possibilita a mudança social. Nesta perspectiva, os direitos das pessoas, previstos nas legislações brasileira, direito à vida, à liberdade, igualdade, segurança, educação de qualidade, expressão livre de pensamento, e outros do artigo 5º da Constituição Federal (1988) são debatidos, revistos e analisados em movimentos e articulações que ocorrem frequentemente nos equipamentos do CEU Heliópolis Arlete Persoli e nas Associações, Centros e Entidades de todo o Bairro Educador Heliópolis. Senna, Morais, Rosa e Fernandes (2017 p. 220) destacam que “em um mundo cada vez mais globalizado, fica clara a necessidade de preparar os estudantes para os desafios que eles encontrarão”, acrescentam que o professor não é dono do saber e os estudantes não são

ouvintes, que prepará-los para fazer provas não considera a sua autonomia em aprender, onde o conceito de liberdade é limitado. Incluir os dispositivos pedagógicos que pretendem a mudança, expostos neste trabalho, não retrata os pormenores de sentimentos, pensamentos e ações. A escola é aberta e acolhe todos que querem conhecer, que desejam ampliar as metodologias a fim de construir uma sociedade humana igualitária em seus direitos, capazes de ensinar a cidadania terrestre, e a humanidade como destino planetário, Morin (2002 p. 113).

Referências

- Alves R. (2001). A escola que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir (p. 5). Campinas, SP. Papirus.
- Ceu Heliópolis Arlete Persoli (2015). Secretaria Municipal de Educação - Informações Gerais. Recuperado de <http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Main/Noticia/Visualizar/PortalSMESP/CEU-Heliopolis--Informacoes-Gerais>
- Constituição da República Federativa do Brasil (1988). Atualizada até a EC n. 96/2017. Supremo Tribunal Federal. Brasília. Recuperado de <http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/legislacaoConstituicao/anexo/CF.pdf>
- Decreto n. 54.452, de 10 de outubro de 2013. Institui, na Secretaria Municipal de Educação, o Programa de Reorganização Curricular e Administrativa, Ampliação e Fortalecimento da Rede Municipal de Ensino – Mais Educação São Paulo. Recuperado de http://www3.prefeitura.sp.gov.br/cadlem/secretarias/negocios_juridicos/cadlem/integr_a.asp?alt=11102013D%20544520000
- Dot (2015). Diálogos interdisciplinares a caminho da autoria. Elementos conceituais e metodológicos para a construção dos direitos de aprendizagem do ciclo Interdisciplinar. Secretaria Municipal de Educação. Recuperado de <http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Portals/1/Files/16552.pdf>
- Emef Pres. Campos Salles. Escola sem muros no Bairro Educador. (2008). Os Princípios do Projeto da Escola Municipal Presidente Campos Salles. Recuperado de <https://campossalles.wordpress.com/historico-da-escola/>
- Lazar S. PhD (2011). How Meditation Can Reshape Our Brains: Sara Lazar at TEDxCambridge. Massachusetts. [Video file]. Recoverd from <https://www.youtube.com/watch?v=m8rRzTtP7Tc>
- Lei n. 9394/96 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece a lei de diretrizes e bases da educação. Presidência da República Casa Civil. Texto compilado (Vide Decreto nº 3.860, de 2001) (Vide Lei nº 10.870, de 2004) (Vide Adin 3324-7, de 2005) (Vide Lei nº 12.061, de 2009). Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm
- Moran, J. (2007). A Educação que desejamos: Novos Desafios e como chegar lá 5a ed. (pp 39-72). Campinas. SP. Papirus.
- Moran, J. (2013). Educação Humanista Inovadora (Textos). Principais diferenciais das escolas mais inovadoras. Recuperado de <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/diferenciais.pdf>
- Moran, J. (2015). Educação Híbrida. Um conceito-chave para a educação hoje. (p. 42) [pp. 33-35]. Em Bacich, L., tanzi Neto, A. E Trevisani, F. M. (orgs). Ensino Híbrido - Personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre. Penso.

- Morin, E. (2002). Os sete saberes necessários à educação do futuro Trad. F. da Silva C. E. & Sawaya, J. 5a ed. São Paulo: Cortez, (p. 85). Brasília DF: Unesco.
- Nogueira, B. R. & Mazon, R. U. (2005). Implementação de uma metodologia de ensino com base nos princípios da escola da ponte, Dissertação de especialização - *latu sensu* em Educação Comunitária, Universidade Anhembi Morumbi, (pp 13-14) São Paulo. Recuperado de <https://campossalles.wordpress.com/tcc-implementacao-de-uma-metodologia-de-ensino-com-base-nos-principios-da-escola-da-ponte/>
- Nogueira, B. (2013) at TEDx Ribeirao Derrubando Muros – Tearing Down Walls. [Arquivo de vídeo]. Ribeirão Preto. São Paulo. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=xkdtqeSX6VU>
- Pacheco J. (2012). Experiências inovadoras na educação: José Pacheco at TEDxUnisinos. [Arquivo de vídeo]. Porto Alegre. Rio Grande do Sul. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=reOEnY8jkjo>
- Pacheco, J. (2015). Namu Portal: Para o professor português José Pacheco: aulas não ensina prova não avalia. Recuperado de <http://www.namu.com.br/search/busca/pacheco>
- Pacheco J. (2016). Agência Brasil - EBC. Torkania M. A escola não é um edifício, são pessoas, diz idealizador da Escola da Ponte. Brasília. Recuperado de <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-04/escola-nao-e-um-edificio-sao-pessoas-diz-idealizador-da-escola-da-ponte>
- Parâmetros Curriculares Nacionais (1997). Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. Recuperado de <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf> Brasília.
- Portaria 6771/13, de 13 de dezembro de 2013. Dispõe sobre a organização das Unidades e dos Centros Educacionais. Secretaria Municipal de Educação. Recuperado de http://www3.prefeitura.sp.gov.br/cadlem/secretarias/negocios_juridicos/cadlem/integr_a.asp?alt=14122013P%20067712013SME
- Porvir (2013). Aprendizado focado na necessidade de cada um dos alunos, de acordo com a forma e o ritmo com que pretendem aprender. Recuperado de <http://porvir.org/personalizacao-3/>
- Reale, G. Antiseri, D. (2007). História da Filosofia 1 Filosofia pagã antiga. Trad. Ivo Storniolo. 3ª ed. São Paulo. Paulus. Título original Storia della filosofia – volume I: filosofia antico-pagana. Editrice La scuola. (1997) Brescia, Itália.
- Schneider, F. (2015). Otimização do espaço escolar por meio do modelo de ensino Híbrido. Em Bacich, L., tanzi Neto, A. E Trevisani, F. M. Ensino Híbrido Personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre. Penso
- Secretaria Municipal de Educação (SME, 2016). Direitos de Aprendizagem dos Ciclos Interdisciplinar e Autoral. Recuperado de <http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Portals/1/Files/32161.pdf>
- Senna, C. M. P. C., Morais, S.P., Rosa, D. Z. e Fernandes, A. A. (2017). Metodologias Ativas de Aprendizagem: Elaboração de roteiros de estudos em “salas sem paredes”. Em Moran, J. e Bacich L. (orgs.). Metodologias Ativas para uma Educação Inovadora. Uma abordagem teórico-prática. São Paulo. Penso.
- Vickery, A. (2016). Aprendizagem Ativa nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Penso.
- Viscaino, V. M. (2016). A interdisciplinaridade na escola pública: o caminho para concretizar a função social da escola: criação de uma comunidade educadora. Anais do Congresso Problem Based Learning International Conference Proceedings. São Paulo. Brasil. Recuperado de <http://www.panpbl.org/site/evento/?lang=pt>